RESENHA:

LUCRÉCIO. *Da natureza das coisas*. Tradução (do latim), introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa, Relógio d'Água, 2015, 416 p., ISBN 978-989-641-484-9.

Vivian Carneiro Leão Simões[1]

DOI: http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.10131

O epicurismo atribuía a infelicidade dos homens ao duplo medo, da morte e dos deuses. Felizmente, Epicuro, com sua doutrina, interveio para salvar a humanidade, e como Prometeu, que ousou desafiar os deuses para obter o fogo, o filósofo desafia a religião, a fim de trazer aos homens a luz do conhecimento e da verdade. Lucrécio viu nos ensinamentos de Epicuro a chave para desvendar os segredos do universo e para abrir as portas da felicidade humana; assim, o poeta propõe-se à tarefa de libertar os homens de seus medos e da religião que os oprimia[2].

A teoria atômica desenvolvida na Escola epicurista chega pronta à pena de Lucrécio. O poeta não se incumbe de desenvolver os conteúdos filosóficos veiculados em sua obra, mas de difundi-los pelo mundo romano – o que não quer dizer que a empresa tenha sido menos árdua[3]. O *De rerum natura,* sob esse ponto de vista, pode assumir as feições de obra missionária, cujo desígnio é o de esclarecer e libertar à luz da razão.

Lucrécio divulga em sua obra que os deuses não foram realmente destronados pela doutrina epicurista, foram apenas postos de lado. A Criação não é obra divina; céu, terra, água, a vida vegetal e animal, tudo é consequência do eterno movimento de partículas infinitamente pequenas a que chamamos átomos. Cabe aos deuses apenas um papel contemplativo sobre a vida humana na terra e não há felicidade maior para os homens do que a satisfação do 'saber-se livre', ciente dos perigos dos desvarios da imaginação e da paixão, fiel à crença de que nenhuma potência oculta ou malévola exerce influência sob a vida humana, sabendo que só a morte põe fim a tudo; e após, não há nada.

---

[1] Professora de Latim da Universidade Federal de Roraima, UFRR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Araraquara. Bolsista Capes/CNPq.

[2] FIGUEIRA, Markus. "Do equilíbrio da alma". *Princípios*, UFRN, Natal, v. 6, n. 7, p. 75-86, jan./dez. 1999.

[3] "A teoria atomística de Epicuro e seus desdobramentos (...) em geral adentram o *De rerum natura* como o foram em sua origem, dotados de tecnicidade, detalhamento e encadeamento de partes desde o princípio adequados a sérios conteúdos de filosofia". TREVIZAM, M. *Poesia didática. Virgílio, Ovídio e Lucrécio.* Campinas, Editora da Unicamp, 2014, p. 131.

Entretanto, Lucrécio é, antes de tudo, poeta. Mesmo que, ao seu tempo, parecesse a poesia não ser o meio mais adequado à transmissão de matéria tão austera, o poeta elabora com refinamento a forma de seu poema[4]. O próprio autor, em antológica passagem de sua obra[5], justifica a escolha pelo verso, em detrimento da prosa. A poesia servirá como mel que doura o amargo de um fármaco às crianças, tornando palatáveis saberes acres. O *carmen Pierium,* dessa forma, instrui e deleita.

As investigações acerca da obra *De rerum natura*, entretanto, quase sempre nutriram notável interesse no clássico latino pelo conteúdo filosófico das doutrinas epicuristas transmitidas. Percebe-se que somente nas últimas décadas o rigor estético da poesia didática de Lucrécio vem sendo abordado em pesquisa; no Brasil, há trabalhos recentes e de fôlego sobre Lucrécio e sua obra na pós-graduação das nossas universidades.

Para Socas, pesquisador e tradutor de Lucrécio,

---

[4] SOCAS, F. *La naturaleza*. Introducción, traducción y notas de Francisco Socas. Madrid, Editorial Gredos, 2003, p. 19.

[5] "id quoque enim non ab nulla ratione uidetur;
sed uel uti pueris absinthia taetra medentes
cum dare conantur, prius oras pocula circum
contingunt mellis dulci flauoque liquore,
ut puerorum aetas inprouida ludificetur
labrorum tenus, interea perpotet amarum
absinthi laticem deceptaque non capiatur,
sed potius tali facto recreata ualescat,
sic ego nunc, quoniam haec ratio plerumque uidetur
tristior esse quibus non est tractata, retroque
uolgus abhorret ab hac, uolui tibi suauiloquenti
carmine Pierio rationem exponere nostram
et quasi musaeo dulci contingere melle"

"De facto, parece-me isto ter a sua razão de ser:
na verdade, tal como os médicos, quando se esforçam
por dar às crianças repugnantes absintos, untam primeiro
os bordos das taças com o doce e dourado líquido do mel,
para ludibriar, só até aos lábios, a idade incauta das crianças
e fazê-las assim beber de um trago o amargo líquido do absinto,
e conseguir que, apesar de estarem a ser enganadas
não sejam prejudicadas, mas antes robustecidas
por este procedimento e recobrem a saúde.
Assim também eu quis expor-te esta minha doutrina
por meio da suaviloquente poesia das Piérides
e como que tocá-la com o doce mel das Musas"
LUCRÉCIO. Da natureza das coisas. Tradução (do latim), introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa, Relógio d'Água, 2015, p. 64-65.

> é falso o contraste que frequentemente se estabelece entre as partes poéticas e as prosaicas do *De rerum natura*. É verdade que a poesia didática não deixa nunca de apresentar uma íntima tensão entre forma e conteúdo, entre o poético e o expositivo, mas não é legítimo ler com ânimo diverso partes de um poema que foram escritas com o mesmo.[6]

É preciso celebrar a nova crítica e as linhas de pesquisas dos Estudos Literários que se voltaram agora para o texto em sua forma poética. Deve-se advertir, contudo, para o fato de que, por vezes, as edições que se lançam não têm rigor filológico e/ou são traduções realizadas a partir do francês ou do inglês, sem os devidos cuidados.

Há muito não tínhamos em português autor que se dispusesse a desvendar a filosofia versificada de Lucrécio; carecia uma nova tradução integral de sua obra! Data de 1986 a tradução mais recente, em prosa, empreendida pelo latinista e pensador português radicado no Brasil, Agostinho da Silva, também tradutor de Plauto e Terêncio. Anteriores a esta, contamos apenas com a tradução do original latino para verso português de Antônio José de Lima Leitão, de 1851-1853 e, também em verso solto português, com a tradução de Agostinho Mendonça Falcão, de 1890.

Há, além das mencionadas, traduções acadêmicas de trechos da obra de Lucrécio que são fruto de pesquisas de Pós-graduação no país; dentre excelentes, embora parcas, destaca-se o trabalho de Mário Henrique Domingues, que apresenta a dissertação de mestrado[7] intitulada "O trovão, o relâmpago: tradução do Canto VI do poema de Lucrécio e análise de função poética de fragmentos", em que traz à luz belo trabalho de tradução e versificação do canto VI do *De rerum natura* seguido de análise de três fragmentos do mesmo canto segundo conceito de função poética de Roman Jakobson. Mais recente é o trabalho do Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves[8], do qual já é possível uma breve degustação em publicações do pesquisador[9]. O esforço empreendido é por uma tradução integral do *De Rerum Natura* em hexâmetros datílicos brasileiros inspirado no "molde

---

[6] "También es falso el contraste que a menudo se estabelece entre las partes poéticas y las prosaicas del De rerum natura. Es verdad que la poesía didáctica no deja nunca de padecer una íntima tensión entre forma y contenido, entre lo poético y lo expositivo, pero no es legítimo leer con ánimo diverso partes de un poema que se escribieron con el mismo", SOCAS, F. *La naturaleza*. Introducción, traducción y notas de Francisco Socas. Madrid, Editorial Gredos, 2003, p. 55.

[7] DOMINGUES, M. H. "O TROVÃO, O RELÂMPAGO: tradução do Canto VI do poema de Lucrécio e análise de função poética de fragmentos". 2012. 269f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

[8] Professor Associado de Língua e Literatura Latina Universidade Federal do Paraná – UFPR.

[9] FLORES, G. G.; GONÇALVES, R. T. "Três traduções rítmicas: Lucrécio, Catulo e Horácio". *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*. UFJF, v. 2, p. 175-179, 2014; e GONÇALVES, R. T. "Tradução e ritmo: rêver le vers de Lucrécio". *MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 1, p. 181-197, 2016.

tradutório de Carlos Alberto Nunes com o incremento dos experimentos hexamétricos de André Markovicz, Philippe Brunet e GuillaumeBoussard para o francês, e Rodney Merrill para o inglês"[10].

Os portugueses, no entanto, adiantaram-se! Em janeiro de 2015 veio a público o resultado dos trabalhos de pesquisa do latinista e professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Luis Manuel Gaspar Cerqueira: a tradução integral do *De rerum natura* de Lucrécio, diretamente do latim. Em parceria com a editora Relógio d'Água, *Da natureza das coisas* chega ao mercado a preço acessível, em belíssima edição bilíngue com páginas geminadas e conta ainda com rica introdução.

Na *Introdução* à sua tradução, Cerqueira recolhe breves, mas preciosas informações a respeito do poeta Lucrécio, tecendo também precisos comentários sobre a efervescência poética da época do autor, suas fontes e as influências posteriores de sua obra, como a magnífica *Primavera* de Boticelli, que teria sido inspirada na *invocação a Vênus,* os primeiros versos do *De rerum Natura.* Cerqueira também dedica algumas linhas à tradição manuscrita do texto de Lucrécio e apresenta, como complemento aos seus estudos, uma bibliografia seleta das melhores edições comentadas do texto em estudo.

O mérito da empresa de Cerqueira certamente não se resume ao copioso tomo a ser cuidadosamente traduzido, mas também na atenção aos detalhes. O texto latino selecionado para trabalho e publicação foi nada menos do que a edição crítica de Joseph Martin (Leipzig, 1969) – a de maior renome – e acompanha um quadro em apêndice que elucida as lições divergentes assinaladas no texto. Encerram o volume as notas finais que, mesmo concisas e exíguas para a quantidade de referências que o texto traz, concretizam as contribuições para a correta percepção da obra.

A tradução é primorosa. Cerqueira alcança o equilíbrio ao buscar trazer Lucrécio para a compreensão de leitores do português moderno sem se afastar do original latino em sua expressão máxima. O texto flui e a leitura agrada. A tradução encanta aos que buscam desvendar a filosofia atomística de Lucrécio e ler nos versos do poeta os ensinamentos de Epicuro. Na edição bilíngue, em cujas páginas pares encontra-se o texto latino e nas ímpares a tradução, Cerqueira faz corresponder o verso original e a tradução criando se não versos, períodos em português lusitano que deleitam os ouvidos. De fato, arriscar-se-ia dizer que o empenho por tão boa sonoridade e ritmo permitiria, com alguma reserva, chamá-los versos livres.

As belas passagens do original que criam quadros de particular beleza poética, como a *invocação a Vênus,* o relato mitológico sobre Ifianassa, a descrição da peste e dos fenômenos

[10] FLORES, G. G.; GONÇALVES, R. T., 2014. p. 176.

atmosféricos, são trazidos para o português por um vocabulário claro e sintaxe simples num esforço de recuperar também a sutileza didática dos versos de Lucrécio, como na passagem "Quero que acompanhes a escrita de meus versos/ que me esforço para entoar sobre a natureza das coisas" que traduz sem rodeios o latim "*te sociam studeo scribendis uersibus esse/quos ego de rerum natura pangere conor"*[11].

A nova versão lusitana do *De rerum natura* também não desaponta aos apreciadores das letras clássicas que enxergam as nuanças da poesia de Lucrécio. Os versos brancos e livres de Cerqueira nem de longe resvalam a elegância e a primazia dos hexâmetros latinos, bem como a tradição desse metro dentro do mundo clássico, mas não lhe faltou esmero para que soassem bem. É o que se pode verificar após análise.

No excerto abaixo, Lucrécio pretende demonstrar que é precisamente a religião tradicional que leva as pessoas a cometerem atos ímpios, para tanto, o autor usa um exemplo bem conhecido da Antiguidade clássica, o sacrifício de Ifigênia, passagem que remonta às tragédias de Ésquilo e Eurípedes, mas que encontra novo vigor em versos latinos.

> Āulĭdĕ| quō’ pāc|tō ‖ Trĭvĭ|āī| vīrgĭnĭ|s‿ ārăm
> Īphĭă|nāssā|ī tūr|pārūnt | sānguĭnĕ | foēdĕ
> dūctō|rēs’ Dănă|ūm ‖ dē|lēctī,| prīmă vĭ|rōrŭm[12]

O relativo *quo,* juntamente com *pacto,* isolado metricamente, ganha valor adverbial e, com *Aulide,* por anástrofe, enfatiza o cenário do mito, Áulis, o porto da Beócia, Estreito de Eubéia, onde a frota grega foi detida por ventos contrários e o mar agitado pela deusa Ártemis, a *Triviai* (em que vale destacar o genitivo arcaico de *Triviae*), propriamente, 'das encruzilhadas'. A aliteração enfatiza o tom altamente sarcástico com o qual Lucrécio define *ductores Danaum* (este último termo outro arcaísmo por *Danaorum*); denomina-os "varões", os guerreiros assassinos da virgem inocente. Ao mencionar os chefes da frota, o poeta enfatiza que a religião é prejudicial ao homem, independente de sua classe social.

A tradução de Cerqueira tem ritmo, brilho e intensidade nas palavras, contribuem para esse efeito o início do verso *foi assim que*, que remonta a contação de histórias enfatizando a era remota e o local lendário da tragédia; a recriação da figura de som com uma assonância em *i* em *primícias,*

[11] LUCRÉCIO. *Da natureza das coisas*. Tradução (do latim), introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa, Relógio d'Água, 2015, p. 19-20.
[12] Idem, ibidem, p. 21-22.

horrivelmente, Ifianassa, virgem e *Trívia*; a conservação do registro Ifianassa[13]; e a quebra dos versos em períodos menores que sustentaram a fluidez da leitura: "Foi assim que em Áulis o escol dos chefes Dánaos, primícias dos homens,/ manchou horrivelmente com o sangue de Ifianassa o altar da virgem Trívia". Em notas finais o tradutor traz as informações necessárias à compreensão do período.

Qualquer resenha, como esta, vai pecar pela impossibilidade de fazer justiça ao trabalho tradutório – imenso poema em mais de 7300 versos com poucas traduções em português. Lucrécio criou um estilo concreto, robusto e vigoroso, dotado de peculiar poeticidade. As palavras e as fórmulas recorrentes estão intimamente ligadas ao tom didático e ao desenvolvimento do discurso argumentativo. Essa atitude doutrinária faz que adote, no desenvolvimento de seu texto, determinadas situações que, como a repetição de vocábulos ou estruturas, a escolha do vocabulário a posição das palavras no verso, seja no final, seja no início, seja mesmo realçadas pelas cesuras principais e secundárias, além de as anáforas, hipérbatos, as paronomásias, são, em todo caso, recursos para realçar a expressividade dos versos do poeta e os conhecimentos a serem transmitidos.

Atento às características do texto original, Cerqueira busca a clareza e a compreensão, fazendo-se entender e encantando os seus leitores ao explorar os quadros de magnífica beleza do *De rerum natura,* compondo agradável andamento explorando, sobretudo, o aspecto sonoro das palavras por meio das aliterações e assonâncias, também inversões e vocabulário preciso. Consciente de seu propósito, o tradutor respeita as fórmulas de Lucrécio, a repetição vocabular e é possível encontrar ali o didatismo que percorre todo o texto original.

Lucrécio adoça com bela poesia a aridez da matéria científica a ser tratada. Cerqueira faz jus ao propósito do autor ao tornar aprazível leitura tão densa que, por isso, talvez reivindique maior número de notas que esclareçam as referências clássicas presentes em toda a obra original. *De rerum natura* é poesia. Da natureza das coisas, de Luís Manuel Gaspar Cerqueira é poético. O entusiasta da expressão poética de Lucrécio encontrará agora, em português, sonoridades desencadeadoras de efeitos de sentido que contentam, a um passo de receber os louros pela empreita.

Recebido em Maio de 2017
Aprovado em Maio de 2017

[13] Lucrécio escolhe, para indicar o nome da filha de Agamenão, a sua versão mais antiga, a utilizada pelo próprio Homero, depois, substituída pelos poetas trágicos por Ifigênia.